

CONSERVADORISMO COMO IDEOLOGIA

SAMUEL P. HUNTINGTON

Harvard University

O pensamento político conservador tem um lugar na América hoje? A resposta a essa pergunta depende da natureza geral do conservadorismo como ideologia: suas características distintivas, sua substância e as condições sob as quais surge. Por ideologia, entendo um sistema de idéias preocupado com a distribuição de valores políticos e sociais e consentido por um grupo social significativo. ¹ As interpretações do papel e da relevância do pensamento conservador no cenário contemporâneo variam muito. Subjacente ao debate, entretanto, estão três concepções amplas e conflitantes da natureza do conservadorismo como ideologia. Este ensaio trata dos méritos relativos desses conceitos.

I. TEORIAS DO CONSERVADORISMO

Em primeiro lugar, a teoria aristocrática define o conservadorismo como a ideologia de um único movimento histórico específico e único: a reação das classes feudal-aristocrático-agrárias à Revolução Francesa, o liberalismo e a ascensão da burguesia no final do século XVIII e durante a primeira metade do século XIX. Nas palavras de Mannheim, o conservadorismo moderno é "uma função de uma situação histórica e sociológica particular." ² O liberalismo é a ideologia da burguesia, o socialismo e o marxismo as ideologias do proletariado e o conservadorismo a ideologia da aristocracia. O conservadorismo, portanto, torna-se indissolúvelmente associado ao feudalismo, ao status, ao ancien régime, aos interesses fundiários, ao medievalismo e à nobreza; torna-se irreconciliavelmente oposto ao trabalho da classe média, ao comercialismo, ao industrialismo, à democracia, ao liberalismo e ao individualismo. Este conceito de conservadorismo é popular entre os críticos do "Novo Conservadorismo". Pois, como Louis Hartz demonstrou brilhantemente, os Estados Unidos carecem de tradição feudal. Conseqüentemente, os esforços de intelectuais e publicitários para propagar idéias conservadoras na classe média americana devem estar fadados ao fracasso.

Em segundo lugar, a definição autônoma de conservadorismo sustenta que o conservadorismo não está necessariamente conectado aos interesses de nenhum grupo particular, nem, de fato, sua aparência depende de qualquer configuração histórica específica de forças sociais. O conservadorismo é um sistema autônomo de idéias geralmente válidas. É definido em termos de valores universais como justiça, ordem, equilíbrio, moderação. Se um determinado indivíduo mantém esses valores elevados ou não, não depende dessas afiliações sociais, mas de sua capacidade pessoal de ver sua verdade e desejar a inerentes. Conservadorismo, neste sentido, é, como diz Russel Kirk, simplesmente uma questão de "vontade e inteligência"; os princípios do conservadorismo "não se limitam aos interesses de uma única classe"; o conservadorismo pode ser extraído de "todas as classes e ocupações ..." ³ Esta teoria do conservadorismo é obviamente popular entre os "Novos Conservadores". Isso implica não apenas que o conservadorismo é relevante e

ridículo na América contemporânea, mas que é a filosofia política preferível em quaisquer circunstâncias históricas.

Terceiro, a definição situacional vê o conservadorismo como a ideologia que surge de um tipo distinto, mas recorrente, de situação histórica na qual um desafio fundamental é dirigido às instituições estabelecidas e na qual os defensores dessas instituições empregam a ideologia conservadora em sua defesa. ⁴ Assim, conservadorismo é aquele sistema de idéias empregado para justificar qualquer ordem social estabelecida, não importa onde ou quando ela exista, contra qualquer desafio fundamental à sua natureza ou ser, não importa de que lugar. A essência do conservadorismo é a afirmação apaixonada do valor das instituições existentes. Isso não significa que o conservadorismo se oponha a todas as mudanças. Na verdade, para preservar os elementos fundamentais da sociedade, pode ser necessário concordar com a mudança em questões secundárias. Nenhuma pessoa pode abraçar a ideologia conservadora, entretanto, a menos que esteja fundamentalmente feliz com a ordem estabelecida e comprometida com sua defesa contra qualquer desafio sério. O conservadorismo, nesse sentido, é possível nos Estados Unidos hoje apenas se houver um desafio básico às instituições americanas existentes que impele seus defensores a articular valores conservadores.

Agora, a questão pode ser legitimamente levantada: O que se ganha discutindo sobre definições? Todas as definições não são essencialmente arbitrarias? Como é possível demonstrar a superioridade de um sobre o outro? Este argumento é válido se não houver suposições comuns entre as teorias conflitantes. Esse, entretanto, não é o caso com as três definições de conservadorismo. Eles diferem apenas no que diz respeito à relação da ideologia conservadora com o processo histórico. A definição aristocrática limita o conservadorismo a um determinado social em uma determinada sociedade. A definição autônoma permite o aparecimento do conservadorismo em qualquer fase da história. A definição situacional sustenta que o conservadorismo aparece quando desafiar e defender os grupos sociais em uma relação particular entre si. No entanto, todas as três abordagens concordam fundamentalmente quanto ao conteúdo do conservadorismo como uma ideologia: a substância dos valores e ideias em que os conservadores acreditam. Russell Kirk, por exemplo, critica Arthur Schlesinger Jr. por identificar o conservadorismo com o feudalismo, mas ele concorda substancialmente com a declaração de Schlesinger sobre os fundamentos da ideologia conservadora. ⁵

Além disso, todos os analistas do conservadorismo se unem na identificação de Edmund Burke como o arquétipo conservador e na suposição de que os elementos básicos de seu pensamento são os elementos básicos do conservadorismo. Essas áreas de consenso permitem uma avaliação racional das três definições. A função histórica do conservadorismo deve ser derivada de sua substância. Deve-se preferir a teoria do conservadorismo que explica mais adequadamente e completamente as manifestações da ideologia burkeiana na história. A tese deste artigo é que a teoria situacional mais atende a esses critérios.

II. IDEOLOGIAS IDEATIVAS E INSTITUCIONAIS: O ASCENDE DE UM IDEAL CONSERVADOR

Entre os escritores que defendem todas as três definições de conservadorismo, existe um acordo substancial de que pelo menos os seguintes são os principais componentes do credo conservador - os elementos essenciais da teoria de Burke.

(1) O homem é basicamente um animal religioso, e a religião é a base da sociedade civil. Uma sanção divina infunde a ordem social legítima existente.

(2) A sociedade é o produto natural e orgânico do lento crescimento histórico. As instituições existentes incorporam a sabedoria das gerações anteriores. O certo é uma função do tempo. "Prescrição", nas palavras de Burke, "é o mais sólido de todos os títulos ..."

(3) O homem é uma criatura de instinto e emoção, bem como de razão. Prudência, preconceito, experiência e hábito são melhores guias do que razão, lógica, abstrações e metafísica. A verdade existe não em proposições universais, mas em experiências concretas.

(4) A comunidade é superior ao indivíduo. Os direitos dos homens derivam de seus deveres. O mal está enraizado na natureza humana, não em quaisquer instituições sociais em particular.

(5) Exceto em um sentido moral final, os homens são desiguais. A organização social é complexa e sempre inclui uma variedade de classes, ordens e grupos. Diferenciação, hierarquia e liderança são as características inevitáveis de qualquer sociedade civil.

(6) Existe uma presunção "a favor de qualquer esquema estabelecido de governo contra qualquer projeto não experimentado ..." As esperanças do homem são altas, mas sua visão é curta. Os esforços para remediar os males existentes geralmente resultam em males ainda maiores.

Supondo que essas proposições sejam um resumo justo das idéias conservadoras representativas, o que elas sugerem quanto ao mérito relativo das teorias aristocrática, autônoma e situacional? Nada nesses princípios conservadores os limita exclusivamente à reação feudal-aristocrática. Certamente, a ideologia enfatiza a inevitabilidade das classes e da liderança na sociedade, mas não particulariza nenhuma forma específica de organização social ou fonte de liderança. Nem há nada na ideologia que presuma uma parcialidade em relação a uma sociedade agrária, o sistema feudal de posse da terra, a monarquia ou uma aristocracia titulada. Da mesma forma, a teoria autônoma é inadequada porque a ideologia conservadora carece do amplo alcance e do apelo católico de uma ideologia de relevância universal e permanente. Na verdade, o próprio conservadorismo enfatiza a natureza particular da verdade e alerta para o perigo dos princípios abrangentes. Manifestamente, a ideologia tem pouco apelo para quem está descontente com o status quo. Em suma, a definição aristocrática falha porque não existe nenhuma conexão necessária entre aristocracia ou feudalismo, por um lado, e conservadorismo, por outro: os não aristocratas podem expor a ideologia conservadora; aristocratas podem expor ideologias não conservadoras.

A definição autônoma falha porque o aparecimento do conservadorismo na história não é uma questão de acaso. A definição aristocrática restringe o conservadorismo a um segmento muito pequeno do processo social. A definição autônoma o libera completamente de qualquer conexão com o processo social. Os elementos característicos do pensamento conservador - a "tática divina" na história; prescrição e tradição; a aversão à abstração e metafísica; a desconfiança da razão humana individual; a concepção orgânica da sociedade; a ênfase no mal no homem; a aceitação da diferenciação social - todos servem ao propósito primordial de justificar a ordem estabelecida. A essência do conservadorismo é a racionalização das instituições existentes em termos de história, Deus, natureza e homem.

A utilidade da ideologia conservadora em justificar qualquer ordem existente é manifesta a partir do resumo acima dos princípios burjeianos. Em nenhum lugar desse resumo há qualquer indicação do caráter das instituições que essas idéias poderiam ser usadas para defender. Nesse aspecto, o conservadorismo difere de todas as outras ideologias, exceto o radicalismo: falta o que pode ser denominado um ideal substantivo. A maioria das ideologias postula alguma visão de como a sociedade política deve ser organizada. As palavras "liberalismo", "democracia", "comunismo", "fascismo", todas encobrem uma sugestão sobre qual deve ser a distribuição de poder e outros valores na sociedade, a importância relativa do Estado e outras instituições sociais, as relações entre as estruturas econômicas, políticas e militares, o sistema geral de governo e representação, as formas das instituições executivas e legislativas. Mas qual é a visão política do conservadorismo? É possível descrever uma sociedade conservadora? Pelo contrário, a essência do conservadorismo é que ele é literalmente, na frase de Mühlfeld, "Politik ohne Wunschbilder".

Pode-se argumentar, por exemplo, que o sistema político português está mais próximo do ideal autoritário do que os sistemas britânico e americano, que o sistema britânico está mais próximo do ideal socialista do que os sistemas português e americano, que o sistema americano está mais próximo do ideal democrático do que os sistemas britânico e português, e que todos os três sistemas estão longe do ideal comunista. Mas qual dos três está mais próximo do ideal conservador? Portugal? Grã Bretanha? Os Estados Unidos? É impossível dizer porque não existe um ideal conservador para servir de padrão de julgamento. Nenhum filósofo político jamais descreveu uma utopia conservadora. Em qualquer sociedade, pode haver instituições a serem conservadas, mas nunca há instituições conservadoras. A falta de um ideal conservador vicia necessariamente a definição autônoma de conservadorismo.

Os ideais das ideologias não conservadoras mudam de pensador para pensador e de geração para geração, mas sua característica fundamental permanece a mesma: a atribuição de valor a formulações teoricamente definidas e a avaliação da realidade existente em termos dessas formulações. As ideologias não conservadoras são, portanto, ideativas ou transcendentais por natureza,

enquanto o conservadorismo é institucional ou imanente. Todas as ideologias ideativas comuns da sociedade ocidental moderna abordam as instituições existentes com uma "exigência obrigatória" de que as instituições sejam remodeladas para incorporar os valores da ideologia. Nesse sentido, todas as teorias ideativas envolvem algum grau de radicalismo, ou seja, crítica às instituições existentes. Quanto maior a lacuna entre a realidade institucional existente e o ideal da ideologia não conservadora, mais radical é a ideologia com relação a essa realidade. O radicalismo é, portanto, o oposto do conservadorismo e, como o conservadorismo, denota uma atitude em relação às instituições, em vez de uma crença em quaisquer ideais particulares. Conservadorismo e radicalismo derivam de orientações para o processo de mudança, em vez de para o propósito e direção de mudanças.

A ideologia conservadora é produto de intenso conflito ideológico e social. Só aparece quando os desafiantes das instituições estabelecidas rejeitam os fundamentos da teoria ideativa em termos da qual essas instituições foram moldadas e criadas. Se os desafiantes não questionam os valores básicos da filosofia prevalecente, a controvérsia entre aqueles a favor e contra a mudança institucional continua com referência à filosofia ideacional comumente aceita. Cada grupo tenta mostrar que suas políticas estão mais de acordo com os ideais comuns do que as do outro grupo. Após a Guerra Civil na América, por exemplo, o conflito entre American Whig e American Democrat foi travado, como Hartz apontou, dentro de uma estrutura comum de valores lockeanos. O consenso excluía o conservadorismo.

Quando os desafiantes discordam fundamentalmente da ideologia da sociedade existente, entretanto, e afirmam um conjunto de valores basicamente diferente, a estrutura comum de discussão é destruída. A rejeição da ideologia dominante pelos adversários obriga a ser abandonada também pelos defensores. Nenhuma teoria ideacional pode ser usada para defender instituições estabelecidas de forma satisfatória, mesmo quando essas instituições em geral refletem os valores dessa ideologia. A natureza perfeita do ideal da ideologia e a natureza imperfeita e a mutação inevitável das instituições criam uma lacuna entre as duas. O ideal passa a ser um padrão pelo qual criticar as instituições, para grande constrangimento daqueles que acreditam no ideal e ainda desejam defender as instituições. Eventualmente, os defensores se deparam com uma escolha inevitável: ou eles devem abandonar sua ideologia a fim de defender suas instituições e substituir sua velha teoria ideacional por uma filosofia conservadora, ou eles devem aderir a sua teoria ideacional sob o risco de contribuir ainda mais para a queda daquelas instituições que amplamente incorporam seus ideais. A defesa de qualquer conjunto de instituições contra um desafio fundamental, conseqüentemente, deve ser formulada em termos da lógica conservadora, santidade e necessidade das instituições qua instituições, independentemente do grau em que correspondam às prescrições deste ou daquele ideacional filosofia."

A força social desafiadora deve representar um perigo claro e presente para as instituições. A mera

articulação de uma ideologia dissidente não produz conservadorismo até que essa ideologia seja adotada por grupos sociais significativos. Os philosophes de meados do século XVIII não geraram uma ideologia conservadora; os eventos de 1789 e os anos subseqüentes sim. O conservadorismo, nas palavras de Mannheim, "primeiro se torna consciente e reflexivo quando outras formas de vida e pensamento aparecem em cena, contra as quais é compelido a pegar em armas na luta ideológica". Se os defensores da ordem estabelecida são bem-sucedidos, no devido tempo eles deixam gradualmente de articular sua ideologia conservadora e substituem-na por uma nova versão de sua velha teoria ideacional. Se sua defesa for malsucedida, eles abandonam suas antigas premissas ideacionais ou suas novas ideologia conservadora. Se estiverem inclinados a ser conservadores congênitos, aceitarão a nova ordem como a obra inevitável do destino. Burke, Bonald e de Maistre, por exemplo, todos em parte acreditavam que o triunfo da Revolução Francesa poderia ser decretado pela Providência e que, uma vez que isso se tornasse óbvio, não seria "decidido e firme, mas perverso e obstinado" opor-se a ele. Por outro lado, o conservador malsucedido que permanece apegado aos ideais de sua velha filosofia ideacional torna-se um reacionário, ou seja, um crítico da sociedade existente que deseja recriar no futuro um ideal que ele supõe ter existido no passado. Ele é um radical. Não existe distinção válida entre "mudar para trás" e "mudar para frente". Mudança é mudança; a história não recua nem se repete; e toda mudança está longe do status quo. Com o passar do tempo, o ideal do reacionário torna-se cada vez menos relacionado a qualquer sociedade real do passado. O passado é romantizado e, no final, o reacionário passa a apoiar um retorno a uma "Idade de Ouro" idealizada que nunca existiu de fato. Ele se torna indistinguível de outros radicais, e ele normalmente exhibe todas as características distintivas da psicologia radical.

A natureza do conservadorismo como uma ideologia institucional impede qualquer afiliação ou oposição permanente e inerente entre ele e qualquer ideologia ideacional particular. Nenhuma dicotomia necessária existe, portanto, entre conservadorismo e liberalismo. A suposição de que tal oposição existe deriva, é claro, da teoria aristocrática do conservadorismo e reflete uma preocupação excessiva com uma única fase da história ocidental no final do século XVIII e início do século XIX. O esforço para erigir essa relação efêmera em um fenômeno contínuo da história política serve apenas para obscurecer o fato de que, nas devidas circunstâncias históricas, o conservadorismo pode bem ser necessário para a defesa das instituições liberais. O verdadeiro inimigo do conservador não é o liberal, mas o radical extremo, não importa que teoria ideacional ele defenda. Radicais diferentes avançam panacéias diferentes, mas todos eles têm a mesma psicologia que os pensadores conservadores não tardaram em identificar. O puritano do século XVI de Hooker, o "homem presunçoso" de Metternich, o "escrevinhador metafísico" de Burke, "Hawthorne's Hollings worth, o" homem de auto-adoração "de Cortés, o" verdadeiro crente "do século XX de Hoffer, são todos um e o mesmo.

A distinção entre conservadorismo e ideologias ideativas levou alguns não conservadores a negar qualquer conteúdo intelectual ao conservadorismo e levou alguns conservadores a atacar todas as ideologias. Tanto os críticos quanto os defensores do conservadorismo estão errados, entretanto, quando minimizam seu significado intelectual. O conservadorismo é o fundamento intelectual dos pré-requisitos institucionais permanentes da existência humana. Tem uma função elevada e necessária. É a defesa racional de ser contra a mente, da ordem contra o caos. Quando os fundamentos da sociedade são ameaçados, a ideologia conservadora lembra o homem sobre a necessidade de algumas instituições e a conveniência das existentes. Todas as ideologias não precisam ser ideologias ideativas. A teoria do conservadorismo é de uma ordem e propósito diferente do que outras teorias políticas comuns, mas ainda é teoria. Conservadorismo não é apenas ausência de mudança. É a resistência articulada, sistemática e teórica à mudança.

III. IDEOLOGIAS INERENTES E POSICIONAIS: A AUSÊNCIA DE UMA TRADIÇÃO CONSERVADORA

A maioria dos escritores concorda, e é assumido aqui, que Burke é apropriadamente chamado de conservador. A questão, conseqüentemente, é: pode Burke ser melhor entendido como o porta-voz da ordem aristocrática feudal, o expositor de valores e ideais universalmente válidos, ou como o defensor das instituições estabelecidas? A definição aristocrática falha em explicar Burke porque: (1) a sociedade inglesa que Burke defendia não era nem primariamente feudal nem exclusivamente aristocrática; (2) Burke estava preocupado com a defesa de outras sociedades estabelecidas, especialmente na Índia e na América; e (3) na medida em que Burke tinha opiniões sobre o desejável organização da sociedade, ele era um liberal, um Whig e um comerciante livre. O autono

O mesmo conceito não oferece uma explicação completa de Burke porque: (1) os escritos e discursos políticos de Burke foram todos direcionados a problemas e necessidades imediatas; (2) ele rejeitou a desejabilidade e a possibilidade de uma filosofia moral ou política de aplicabilidade universal; e (3) os principais elementos de seu pensamento político são relevantes principalmente para o propósito limitado de justificar as instituições estabelecidas. No continente no início do século XIX, as ideias de Burke foram usadas para defender a aristocracia e o feudalismo contra a classe média em ascensão. A sociedade e a constituição inglesas com as quais Burke se preocupava, entretanto, eram bastante diferentes daquelas existentes através do Canal da Mancha. O fato de que suas idéias pudessem ser usadas para justificar a ordem estabelecida em ambos os lugares demonstra não a semelhança das duas ordens, mas a transferibilidade de sua filosofia. Em um epigrama penetrante, Louis Hartz declarou que "Na América, Burke se igualava a Locke". Isso é verdade, mas era igualmente verdade na Inglaterra. Burke defendeu a constituição inglesa de sua época, primeiro contra os esforços de George III para reafirmar a influência da Coroa sobre o Parlamento e depois contra os esforços dos democratas para ampliar o controle do povo sobre o

Parlamento. Ele era um conservador porque cem anos depois de Locke ele ainda estava tentando preservar as instituições de 1689. Um devoto do governo misto, ele estava decidido, disse ele, "a manter uma igreja estabelecida, uma monarquia estabelecida, uma aristocracia estabelecida, e uma democracia estabelecida, cada uma no grau em que existe, e em nenhum maior." 10 Burke reconheceu que o povo tinha um papel importante, embora limitado, a desempenhar no sistema inglês." Aceitar a aristocracia como um elemento inerente e necessário da constituição britânica, ele mostrou, no entanto, pouca parcialidade em relação a ela. Ele próprio um plebeu, ele sofreu em mais de uma ocasião com o desdém aristocrático dos grandes senhores que tendiam a vê-lo como um "aventureiro irlandês". Como Jefferson e Adams, Burke era um defensor de uma aristocracia natural, não uma aristocracia artificial, 2

A ordem social que Burke defendia era em grande medida comercial e estava se tornando cada vez mais industrial. O século XVIII viu o surgimento do Banco da Inglaterra, da Bolha do Mar do Sul, sociedades por ações, expansão da navegação e do comércio, o acúmulo de fortunas comerciais e capital industrial, uma onda de invenções industriais e o crescimento constante da manufatura. O comércio era "o fator dominante" na Inglaterra do século XVIII. "O espanto de Voltaire de que os grandes cavalheiros da Inglaterra não se envergonhavam do comércio foi apenas uma indicação da diferença entre a sociedade inglesa e a continental. Por trinta anos antes de Burke chegar a Londres em 1750, a promoção da indústria tinha sido o objetivo principal do governo inglês. Em 1790, quando, de acordo com a teoria aristocrática do conservadorismo, Burke defendia a ordem corporativa feudal, a Revolução Industrial na Inglaterra já tinha uma geração. Burke foi repellido pelo crescimento do comércio e da indústria? Ele procurou retornar à ordem agrária feudal de uma época anterior? Longe disso. Para Burke, como Namier declara, "o comércio era a alma do império." Já em 1770, Burke declarou sua posição em sem termos imprecisos: "Não existe direito fundiário separado do interesse comercial. ... Transforme sua terra em comércio. "4 Este é o conselho de um apologista feudal? Seis anos depois, Burke elogiou os céus" pela sagacidade e penetração da mente, extensão de pontos de vista, distinção precisa, conexão justa e natural e dependência de partes "um livro que refletia com precisão seus próprios pontos de vista sobre economia: A Riqueza das Nações. No Parlamento, Burke era consistentemente a favor do Laissez faire; o estado deve ficar fora da maturidade econômica; as leis do comércio eram as leis da natureza; o próprio trabalho era um "artigo de comércio". É de se admirar que Adam Smith, após discutir economia política com Burke, declarasse que Burke foi o único homem que, sem comunicação, pensou nesses tópicos exatamente como ele "* se Burke é um apologista da ordem corporativa feudal, O que acontece com Adam Smith? O fato claro da questão é que, na medida em que ele tinha opiniões sobre a desejável organização da sociedade, na política Burke era um liberal e um Whig, o defensor da constituição lockeana; na economia, ele era um livre comerciante liberal, suas idéias eram iguais às de Adam Smith. Havia pouco ou nada de corporativo, feudal ou aristocrático nele.

Embora Burke preferisse uma constituição equilibrada e uma economia comercial, sua preferência derivava não tanto de suas virtudes peculiares, mas do fato de sua existência. Montesquieu e Adam Smith desenvolveram a base ideal para as instituições que Burke aceitou. A contribuição de Burke foi diferente. Ele não estava preocupado com a substância das instituições, mas com sua preservação. Ele defendeu imparcialmente instituições whig na Inglaterra, instituições democráticas na América, instituições autocráticas na França e instituições hindus na Índia. As instituições indianas, advertiu ele, por exemplo, devem basear-se "em seus próprios princípios, não nos nossos", denunciando os britânicos na Índia que subverteram "os direitos mais estabelecidos e as instituições mais antigas e mais reverenciadas de todas as épocas e nações".¹¹ "Ele mudou sua frente", como Morley observou em uma frase clássica, "mas ele nunca mudou seu terreno." Desde Morley, os estudiosos se uniram para ilibar Burke das acusações de inconsistência. Mas se Burke era consistente, como ele pode ter sido um aristocrata? Se sua preocupação principal fosse a preservação da ordem corporativa feudal na Europa, por que ele se preocuparia com a América ou a Índia? A maioria dos conservadores adota ideias conservadoras para defender uma ordem estabelecida em particular. Nesse aspecto, seu conservadorismo é mais instrumental do que primário. Burke, no entanto, era o arquétipo conservador porque seu impulso era defender todas as instituições existentes, onde quer que estivessem e por mais desafiadas que fossem.

Os defensores da teoria aristocrática do conservadorismo argumentam que o conservadorismo moderno se originou com a reação à Revolução Francesa. Eles estão enganados. É possível identificar pelo menos quatro grandes manifestações de conservadorismo na história política ocidental. O primeiro foi a resposta nos séculos XVI e XVII ao desafio da autoridade nacional centralizada às instituições políticas medievais e ao desafio da Reforma às relações estabelecidas entre Igreja e Estado. No continente, por exemplo, Francis Hotman em seu *Franco-Gallia* e Juan de Mariana em seu *De Rege et Regis Institutione* tentou uma defesa conservadora da ordem pluralista medieval contra o crescente poder dos monarcas nacionais. Que Hotman fosse um francês e um protestante e Mariana uma espanhola e uma jesuíta não fazia muita diferença. Eles tinham propósitos e argumentos semelhantes. Infelizmente para ambos, porém, os fatos históricos não apoiavam inteiramente os usos que deles faziam, e a tendência ao poder real já havia minado a maioria das instituições significativas da velha ordem. Como resultado, o argumento dos monarchomachs mudou de uma base conservadora para uma ideacional. Foi reafirmado em termos de princípio e não precedente. *Franco-Gallia* foi eclipsado pelos *Vindiciae* e Mariana foi ofuscada por Suarez. Na Inglaterra, por outro lado, a existência de uma forte monarquia nacional e de uma igreja nacional permitia uma defesa conservadora de ambos. As ideias que no continente haviam sido usadas para defender as propriedades contra a autoridade real foram usadas na Inglaterra para defender a autoridade real contra dissidentes políticos e radicais teológicos. O pensamento político dos apologistas Tudor - Tyndale, Gardiner, Hooper

e muitos outros - estava repleto de apelos conservadores à ordem e à obediência. A rebelião e a anarquia eram consideradas os piores males; a desobediência era um esforço para quebrar uma cadeia divinamente ordenada do ser. Reafirmado várias vezes na literatura Tudor foi de Shakespeare aviso: "Tire apenas o grau, desafine essa corda, E, ouça! que discórdia segue ... Perto do final do século dezesseis, quando o ataque puritano ganhou força e se tornou mais extremo - o episcopado sofreu críticas constantes em 1570 - surgiu a necessidade de uma defesa conservadora mais completa do estabelecimento civil e religioso nacional. Essa necessidade foi atendida por Richard Hooker em seu *Laws of Ecclesiastical Polity* publicado em 1594. Esta obra em vários volumes se destaca como uma declaração elevada e eloqüente da ideologia conservadora. Aqui, duzentos anos antes de Burke, foram delineadas todas as vertentes significativas do pensamento de Burke. A substância de seu conservadorismo é virtualmente idêntica.

No entanto, as instituições que defendiam e os desafios aos quais reagiam eram diferentes. A constituição Tudor de 1590 diferia da constituição Whig de 1790. A ameaça às instituições de Hooker veio das seitas puritanas que defendiam a separação completa da Igreja e do Estado, a supremacia da fé sobre a razão e a autoridade das Escrituras contra a autoridade da igreja. Os puritanos viam o homem como depravado e mau; eram espiritualistas, deterministas, antiintelectuais, fundamentalistas e pessimistas. O desafio para as instituições de Burke, por outro lado, veio de grupos democráticos assegurados da eficácia da razão e possuidores de uma confiança ilimitada na natureza humana e na capacidade do homem para o progresso. Eles eram tudo o que os puritanos não eram: materialistas, racionalistas, anti-religiosos, otimistas e libertários. No entanto, apesar das diferenças, as situações semelhantes em que Hooker e Burke se encontravam os levaram a expor idéias políticas semelhantes.

A segunda grande manifestação do conservadorismo foi a resposta à Revolução Francesa. Essa convulsão social, as ideologias que ela promoveu e as classes que impulsionou ao poder foram, sem dúvida, a maior ameaça às instituições existentes na história da civilização ocidental até então. Conseqüentemente, eles produziram a maior manifestação de pensamento conservador da história ocidental. A resposta conservadora à Revolução foi em grande parte, mas não exclusivamente, uma defesa da ordem feudal, agrária e aristocrática contra uma classe média ascendente, urbana e iluminada. No entanto, a Revolução colocou em risco não apenas as instituições aristocráticas feudais, mas todas as instituições estabelecidas. Na Inglaterra, Burke fez uma defesa conservadora de uma sociedade comercial e de uma constituição liberal moderada. Na América, os federalistas - de John Adams, passando por Hamilton e Fisher Ames - expuseram ideias conservadoras para defender uma constituição liberal contra o que pensavam ser a ameaça de uma revolução democrática. No continente, também, a reação conservadora inicial veio não dos aristocratas feudais, mas de pensadores associados a elementos mais liberais, comerciais e burocráticos. Na Alemanha, por exemplo, Brandes, Rehberg e Möser, representantes das

idades do norte da Alemanha onde a classe média era mais forte, fizeram os primeiros ataques à Revolução. Alguns dos conservadores continentais, como Gentz, eram liberais em sua economia. Mesmo entre os porta-vozes da aristocracia, existiam diferenças nas sociedades que defendiam: a França de Bonald e de Maistre, a Prússia de von der Marwitz e Haller e a Áustria de Gentz, Metternich e Müller não tinha estruturas sociais idênticas. No entanto, as correntes comuns do conservadorismo perpassaram as idéias políticas dos pensadores da Reação, independentemente da ordem social imediata que desejavam preservar.

O conservadorismo dos pensadores feudal-aristocráticos da Reação foi o produto de sua posição defensiva temporária, e não da natureza permanente e inerente de seus interesses de classe. O caráter fundamental desses interesses não mudou em 1789. No entanto, antes desse ano, a aristocracia não produzia pensamento conservador significativo. Eles não tinham necessidade disso. Por outro lado, depois que os aristocratas foram expulsos do poder, eles deixaram de ser conservadores sem renunciar a seus ideais aristocráticos. Na França, em particular, o pensamento aristocrático, antes conservador, rapidamente se tornou reacionário e acabou radicalizando. De Maistre exaltava ordem e estabilidade. Na democracia burguesa da Terceira República, L'Action Française pregava violência e o "golpe de força". Os revolucionários estavam de direita. A terceira manifestação do conservadorismo foi a resposta das classes governantes às demandas populares da classe baixa por uma participação na direção da sociedade em meados do século XIX. O símbolo mais importante desse desafio foi o clamor pela extensão do sufrágio. Foi um desafio, no entanto, que envolveu apenas uma divergência parcial dos valores aceitos e, conseqüentemente, ocasionou uma resposta conservadora fraca. Na França, em particular, onde as classes médias tiveram que enfrentar em duas direções, os expoentes típicos de seu ponto de vista - Royer-Collard e Guizot, por exemplo, expunham idéias liberais contra os aristocratas e idéias conservadoras contra as massas. Na Alemanha, onde uma grande reviravolta não destruiu a estrutura da sociedade, Stahl, Ranke, Savigny e Ludwig von Gerlach articularam um conservadorismo concebido de forma mais ampla, enfatizando o crescimento orgânico da sociedade. Na Inglaterra, Coleridge e, posteriormente, Newman, Maine e Lecky alertaram sobre os perigos de substituir o governo de classe pelo governo popular. Nos Estados Unidos, os neo-federalistas, Story, Choate, Kent, fizeram uma breve defesa conservadora de uma classe governante restrita antes de serem esmagados pelo maremoto jacksoniano.

Uma quarta manifestação de conservadorismo foi a efusão de pensamento político produzida no sul dos Estados Unidos pelo desafio do industrialismo, do trabalho livre e da abolição em meados do século XIX. Antes de 1830, o pensamento político do sul era moldado em grande parte pela imagem jeffersoniana. Depois de 1830, o pensamento sulista tornou-se cada vez mais conservador como resultado das teorias cada vez mais articuladas da abolição e da ascensão da indústria e da população do norte. William Lloyd Garrison - o epítome do radical re-

fundado The Liberator em 1831 e no mesmo ano Nat Turner liderou sua insurreição de escravos. A combinação de forças que esses eventos simbolizaram forçou o Sul na defensiva e o levou a abandonar sua herança jeffersoniana e desenvolver uma apologia conservadora na linguagem de Burke. Isso era possível ser ao mesmo tempo um jeffersoniano e um proprietário de escravos apenas enquanto ninguém definir a Declaração de Independência contra a escravidão. Quando isso aconteceu, o proprietário de escravos teve que abandonar seu liberalismo ou seu meio de vida. Inevitavelmente, a filosofia ideacional foi sacrificada e substituída por um conservadorismo de longo alcance. Assim como a crescente onda de radicalismo puritano contra o estabelecimento Tudor acabou produzindo Hooker, a crescente onda de reforma abolicionista acabou produzindo Calhoun e Fitzhugh. Em seus escritos e nos dos outros do "iluminismo reacionário" - Holmes, Hammond, Hughes e Harper, em particular - foi "duplicado em todos os aspectos essenciais o argumento da reação feudal da Europa".²⁴ Todas as idéias básicas de Burke foi reproduzido nos tratados e panfletos com os quais eles vieram em defesa de sua ordem social estabelecida contra uma ameaça que era concreta, potente e eventualmente bem-sucedido.

Louis Hartz sugeriu que o conservadorismo sulista era uma "fraude".

Partindo da concepção aristocrática do conservadorismo, Hartz argumenta que havia um conflito inerente ao esforço dos sulistas em usar Burke para defender a escravidão, por um lado, e uma tradição política contendo muitos elementos do liberalismo, por outro. Apesar das inconsistências definidas no sistema do sul, no entanto, não havia inconsistência no uso de Burke pelo sul para defender esse sistema. A filosofia conservadora era apropriada para a defesa das instituições de Jefferson, a "instituição peculiar" da escravidão, ou qualquer combinação das duas. Não foi mais fraude para Calhoun combinar Burke e escravidão do que o próprio Burke combinou Burke e laissez faire. Nem o fato de que o pensamento político conservador do sul terminou com a Guerra Civil prova que os sulistas eram "falsos Burkes, meio Burkes". Quando o sistema político-social do sul foi destruído, a teoria elaborada em sua defesa teve necessariamente que morrer com ele. O próprio Hartz descreve o conservadorismo sulista como um dos grandes e criativos episódios da história do pensamento americano. "Poderia ser isso, no entanto, se fosse simplesmente uma fraude", uma importação artificial sem raízes na situação americana? Não é possível evitar esse problema por uma explicação mais simples do conservadorismo do sul? A experiência do sul foi um exemplo claro de uma sociedade mudando de uma teoria ideativa liberal para um conservadorismo intransigente como resultado do surgimento de um desafio fundamental à sua existência. a mudança na posição sul, a mudança no pensamento sulista era necessária e natural.

A inadequação básica da teoria aristocrática do conservadorismo é que ela concebe o conservadorismo como uma ideologia inerente, em vez de uma ideologia posicional. Uma ideologia inerente é a expressão teórica

dos interesses de um grupo social permanente. É derivado das características comuns fundamentais que tornam o grupo um grupo. Consequentemente, uma ideologia inerente evolui e muda conforme os interesses e necessidades do grupo mudam, mas, ao mesmo tempo, ela mantém certas características essenciais que refletem a identidade contínua e inerente do grupo. Fiel à sua natureza essencial como ideologia da classe média burguesa, o liberalismo de uma geração diferiu e cresceu a partir do liberalismo de uma geração anterior. Uma filosofia inerente também pode ser interpretada de maneira diferente e expressa por subescolas conflitantes que existem ao mesmo tempo. O liberalismo americano foi dividido entre uma versão Whig, de "direitos de propriedade", de um lado, e uma versão popular, de "direitos humanos", de outro. Não obstante, o Whig americano e o democrata americano compartilham os fundamentos de Locke. O marxismo também existiu em uma variedade de formas e evoluiu por meio de uma série de fases, todas as quais, entretanto, mantiveram os mesmos fundamentos subjacentes que distinguem o marxismo como uma teoria. Assim, é possível relacionar as várias expressões de uma teoria inerente entre si, traçar padrões de desenvolvimento e influência e identificar cismas e subvariedades dentro da tradição intelectual comum. Em resumo: a substância de uma teoria inerente evolui e prolifera, e as expressões da teoria são inter-relacionadas e interdependentes. A teoria e seus expoentes constituem uma escola de pensamento.

As ideologias posicionais são bastante diferentes. Eles não refletem os interesses e necessidades contínuos de um determinado grupo social. Em vez disso, dependem das relações existentes entre os grupos. Um grupo pode abraçar uma ideologia posicional quando suas relações com outros grupos assumem uma forma e outra ideologia posicional quando essas relações assumem uma forma diferente. As ideologias posicionais refletem as mudanças no ambiente externo de um grupo, em vez de suas características internas permanentes. Ideologias inerentes são funções de grupos, independentemente de suas posições; ideologias posicionais são funções de situações, não importa quais grupos ocupem essas situações.²⁶ Com ideologias posicionais, não é uma questão de "quem", mas de "onde". Assim, a teoria dos "direitos dos estados" nos Estados Unidos tem sido principalmente uma ideologia posicional adotada por uma sucessão de diferentes grupos sempre que seu poder no governo central vis-à-vis seus grupos oponentes foi menor do que seu poder em os Estados.

Se a definição situacional de conservadorismo estiver correta, conservadorismo é uma ideologia posicional. O conservadorismo se desenvolve para atender a uma necessidade histórica específica. Quando a necessidade desaparece, a filosofia conservadora desaparece. Em cada caso, a articulação do conservadorismo é uma resposta a uma situação social específica. A manifestação do conservadorismo em qualquer tempo e lugar tem pouca conexão com sua manifestação em qualquer outro tempo e lugar. O conservadorismo, portanto, não reflete nenhum interesse de grupo permanente. Dependendo da existência de uma

relação particular entre os grupos, e não da existência dos próprios grupos, ela dura apenas enquanto durar a relação, não enquanto durarem os grupos. Ela é necessariamente efêmera, raramente continuando mais de uma geração. Conseqüentemente, a ideologia conservadora não se desenvolve e se transmite com alterações, elaboração e revisão de uma época para a outra. Nem tem um conjunto de escritos básicos a serem anotados, interpretados e discutidos por grupos de discípulos em conflito. As manifestações do conservadorismo são simplesmente reações ideológicas paralelas a situações sociais semelhantes. A substância do conservadorismo é essencialmente estática. O pensamento conservador é repetitivo, não evolutivo. Suas manifestações são historicamente isoladas e discretas. Assim, por paradoxal que possa parecer, o conservadorismo, o defensor da tradição, é em si sem tradição; o conservadorismo, o apelo à história, não tem história. O caráter estático e repetitivo do pensamento conservador se reflete na extensão em que o conservadorismo se presta à discriminação. Mais do que qualquer outra ideologia política, o conservadorismo pode ser condensado em um breve catálogo de princípios ou conceitos que constituem o catecismo conservador comum a todos os pensadores conservadores. Tanto os defensores quanto os críticos do conservadorismo concordam que a essência do conservadorismo pode ser resumida em um pequeno número de idéias básicas. O número dessas idéias pode variar nas diferentes formulações, mas seu conteúdo é universalmente o mesmo. Hearnshaw, por exemplo, lista "doze princípios do conservadorismo", Kirk "seis cânones do pensamento conservador" e Rossiter "vinte e um pontos da tradição conservadora".

Em parte, esses catálogos breves e semelhantes de ideias conservadoras simplesmente refletem o consenso geral sobre a substância do conservadorismo como ideologia. Mas, além disso, eles refletem a natureza estática e limitada dessa ideologia. Outras ideologias têm ideias básicas que se repetem em várias manifestações. Mas essas idéias são o ponto de partida, não a soma e a substância da ideologia. O individualismo é básico para o liberalismo, mas o individualismo de Locke é bastante diferente daquele de Bentham. O conflito de classes é básico para o marxismo, mas a luta de classes em Kautsky é diferente da luta de classes em Lenin. Os conservadores, no entanto, não se subdividem em escolas, nem, como liberais e marxistas, se envolvem em discussões acaloradas sobre o significado de sua fé. Os pensadores conservadores individuais, é claro, podem formular suas idéias de maneiras ligeiramente diferentes e podem modificá-las à luz de suas tendências ideacionais particulares. Mas, em geral, eles simplesmente repetem seu catecismo, e uma vez que tenham dito seu catecismo, eles dizem tudo o que há para ser dito sobre a substância do pensamento conservador. Uma história do pensamento liberal ou marxista revela a transmutação da ideologia em diferentes tempos e circunstâncias. Uma história de pensadores conservadores, como Kirk's Conservative Mind, envolve necessariamente o representante repetir continuamente as mesmas idéias.

Este caráter peculiar do pensamento conservador explica um aspecto frequentemente comentado sobre o conservadorismo citado por Mannheim: "As carreiras da maioria dos conservadores e reacionários mostram períodos revolucionários em sua juventude." 28 Muitos dos conservadores do início do século XIX - Görres, Gentz, Müller na Alemanha; Coleridge, Wordsworth, Southey na Inglaterra - foram inicialmente entusiastas da Revolução Francesa. Os federalistas começaram como revolucionários bem-sucedidos, e o primeiro conservador da América, John C. Calhoun, começou sua carreira como um nacionalista jeffersoniano devorador de fogo. Por que esse padrão existe? Não é simplesmente porque o conservadorismo não é a expressão ideológica permanente das necessidades de qualquer grupo social? Ninguém nasce para o conservadorismo da mesma forma que um Mill nasce para o utilitarismo. O impulso para o conservadorismo vem do desafio social diante do teórico, não da tradição intelectual por trás dele. Os homens são levados ao conservadorismo pelo choque dos acontecimentos, pela sensação horrível de que uma sociedade ou instituição que eles aprovaram ou deram como certa e com a qual estiveram intimamente ligados pode repentinamente deixar de existir. Os pensadores conservadores de uma época, conseqüentemente, têm pouca influência sobre os de outra. Existem poucos conservadores de segunda geração. Hooker, por exemplo, antecipou Burke em todos os fundamentos da filosofia servativa; mas o conservadorismo de Burke não foi derivado de um estudo de Hooker, mas do impacto dos eventos sobre ele. Da mesma forma, na França, "Maistre nunca teve escola, por assim dizer". Nos Estados Unidos, Fitzhugh, o apologista do Sul, obteve pouca inspiração dos primeiros pensadores conservadores. 29 Cada declaração individual da posição conservadora, em si, além do mais, tende a ser gerada por algum desafio intelectual imediato. Christopher Morris descreve as Leis da Política Eclesiástica como uma "livre de circonstance". A mesma frase poderia ser aplicada igualmente bem ao *Elemente der Staatskunst*, as *Reflexões sobre a Revolução na França* e *A Disquisition on Government*. 30

4. A RELEVÂNCIA DO CONSERVADORISMO

À luz da análise acima, qual é o papel da ideologia conservadora na América hoje? O "Novo Conservadorismo" é realmente conservador? Existe espaço para uma exposição mais profunda e de longo alcance das idéias conservadoras?

Muito do Novo Conservadorismo é caracterizado por pelo menos três deficiências como movimento conservador. Primeiro, muitos Novos Conservadores parecem incertos sobre o que desejam defender. Alguns simplesmente continuam a velha identificação do conservadorismo com o liberalismo empresarial. Outros são aristocratas radicais, enjoados e desgostosos com a sociedade americana que existe hoje. Desejando importar a aristocracia europeia para a América burguesa, eles sonham com uma época de menos democracia, menos igualdade, menos industrialismo, uma época em que a elite governasse e as massas conhecessem o seu lugar. Sua rejeição ao sistema político e social americano existente torna impossível para eles serem verdadeiramente

conservadores. A visão de Russell Kirk da América contemporânea, por exemplo, dificilmente poderia ser mais desfavorável: "perto do suicídio", "barato", "materialista", "estéril", "padronizado. Esta é a linguagem de um conservador? Ou é o linguagem de um maligno da sociedade existente? Em vez de uma defesa vigorosa da democracia constitucional americana, os livros de Kirk estão repletos de um anseio tenso, sentimental, nostálgico e antiquário por uma sociedade que já passou. Ele e seus associados estão desafinados e fora de sintonia de passo na América moderna.

Em segundo lugar, muitos Novos Conservadores são surpreendentemente vagos quanto à natureza e origem da ameaça ao que desejam conservar. Historicamente, o conservadorismo sempre foi a resposta a um desafio direto e imediato. Os conservadores geralmente não têm dúvidas quanto à identidade de seus oponentes. Entre os Novos Conservadores, entretanto, o inimigo raramente é colocado claramente em foco. Para alguns, o inimigo é o liberalismo, embora haja pouco acordo quanto ao significado deste termo. Para outros, é modernismo, totalitarismo, popularismo, secularismo ou materialismo. Para alguns Novos Conservadores, o inimigo é o irracionalismo e para outros é o racionalismo. Essa confusão, é claro, apenas reflete o fato de que a prosperidade econômica e o consenso político da sociedade americana tornam qualquer conservadorismo voltado para os inimigos internos abertamente supérfluo. Hooker, Burke e Calhoun travaram verdadeiras batalhas políticas contra verdadeiros inimigos políticos. Na falta de qualquer desafio político-social de carne e osso, no entanto, os Novos Conservadores moldam ameaças imaginárias a partir de iamos abstratos. "

Uma terceira deficiência do Novo Conservadorismo é o esforço para descobrir uma tradição intelectual conservadora na América. Aparentemente desejando a segurança da identificação com um movimento intelectual, os Novos Conservadores correm pelo passado da América, ressuscitando figuras políticas e intelectuais há muito esquecidas. Poucas empresas podem ser mais fúteis ou irrelevantes. Em *The Conservative Mind*, por exemplo, Russel Kirk define um conservador como aquele que defende instituições estabelecidas.

No entanto, em seus esforços para encontrar uma tradição conservadora na América, Kirk classifica como conservador: James Russell Lowell, que ficou "assustado" com o que viu sobre ele; Brooks Adams, que estava "desgostoso com a sociedade americana"; Henry Adams, que se tornou o símbolo clássico da alienação frustrada; "Irving Babbitt, que fugiu da América para o budismo; e Santayana, que fugiu da América para seu claustro romano. Todos esses homens estavam descontentes e, em muitos aspectos, eram muito mais fundamentalmente descontentes do que Debs, Henry George, de Leon e LaFollette, que presumivelmente Kirk nunca sonharia em classificar como conservadores. A busca dos Novos Conservadores por antepassados apenas reflete sua própria incerteza de propósito, papel e identidade. Eles procuram conservar um tradição intelectual que não existe, e sim instituições que existem. Se fossem verdadeiros conservadores, imediatamente empenhados na defesa de

uma instituição ou sociedade contra uma ameaça real e iminente, teriam pouco interesse em estabelecer uma linhagem conservadora.

O lado duvidoso do Novo Conservadorismo, entretanto, não esgota as possibilidades do conservadorismo na América hoje. Alguns Novos Conservadores reconhecem o caráter essencialmente situacional da ideologia conservadora. Eles percebem a esterilidade de uma defesa conservadora de um segmento da sociedade americana contra outro segmento. A única ameaça ampla e profunda o suficiente para provocar uma resposta conservadora hoje é o desafio do comunismo e da União Soviética à sociedade americana como um todo. A esse respeito, como Max Beloff apontou, existe um paralelo marcante entre a posição do Sul na década de 1850 e a posição dos Estados Unidos na década de 1950: ambas as sociedades desafiadas por uma ordem externa em expansão. Assim como o Sul produziu uma defesa conservadora em Fitzhugh e Calhoun, não é absurdo esperar que a América também tenha seus apologistas conservadores. Os escritos recentes mais profundos em uma veia conservadora, como os de Niebuhr, foram em muitos aspectos uma resposta direta ao desafio do totalitarismo estrangeiro. Como uma ilha de abundância e liberdade em um mundo estreito, a América tem muito a defender. As instituições americanas, entretanto, são liberais, populares e democráticas. Eles podem ser mais bem defendidos por aqueles que acreditam no liberalismo, controle popular e governo democrático, assim como os aristocratas eram os conservadores na Prússia em 1820 e os proprietários de escravos eram os conservadores no Sul em 1850, então os liberais devem ser os conservadores na América hoje. Historicamente, os liberais americanos têm sido idealistas, avançando em direção aos objetivos de maior liberdade, igualdade social e uma democracia mais significativa. A exportação articulada de uma ideologia liberal era necessária para converter outros às ideias liberais e reformar as instituições existentes continuamente ao longo de linhas liberais. Hoje, porém, a maior necessidade não é tanto a criação de instituições mais liberais, mas a defesa bem-sucedida das que já existem. Essa defesa exige que os liberais americanos deixem de lado sua ideologia liberal e aceitem os valores do conservadorismo para a duração da ameaça.

Somente abrindo mão de suas ideias liberais para o presente, os liberais podem defender com sucesso suas instituições liberais para o futuro. Os liberais não devem temer essa mudança. Um liberal é menos liberal porque ajusta seu pensamento para defender com mais eficácia as instituições mais liberais do mundo? Continuar a expor a filosofia do liberalismo simplesmente dá ao inimigo uma arma para atacar a sociedade do liberalismo. A defesa das instituições americanas requer um conservadorismo articulado e consciente que só pode surgir de liberais profundamente preocupados com a preservação dessas instituições. Como Boorstin, Niebuhr e outros apontaram, o gênio político americano se manifesta não em nossas ideias, mas em nossas instituições. O estímulo ao conservadorismo não vem dos credos desgastados de pensadores de terceira categoria, mas do desempenho bem-sucedido de instituições de primeira linha. O conflito atual, em vez de dogmas antigos, produzirá um "Novo Conservadorismo" o que é verdadeiramente conservador.

O conservadorismo não é, como argumenta a interpretação aristocrática, o monopólio de uma classe particular da história. Nem é, como afirma a escola autônoma, apropriado em todas as épocas e lugares. Em vez disso, é relevante em um tipo particular de situação histórica. Essa é a situação em que o liberalismo americano se encontra hoje. Até que o desafio do comunismo e da União Soviética seja eliminado ou neutralizado, o principal objetivo dos liberais americanos deve ser preservar o que eles criaram. Este é um objetivo limitado, mas necessário. O conservadorismo não faz perguntas definitivas e, portanto, não dá respostas finais. Mas lembra aos homens os pré-requisitos institucionais da ordem social. E quando esses pré-requisitos são ameaçados, o conservadorismo não é apenas apropriado, é essencial. Ao preservar as conquistas do liberalismo americano, os liberais americanos não têm outro recurso a não ser recorrer ao conservadorismo. Para eles, especialmente, a ideologia conservadora tem um lugar na América hoje.

HUNTINGTON, S. P. "Conservatism as an Ideology", *American Political Science Review*, v. 51, n. 2, p. 454–473, 2 jun. 1957. DOI: 10.2307/1952202